

na orelha media, pois a trompa era manifestamente pervia; mas parecia depender do enfraquecimento da innervação do aparelho auditivo, consecutivo á abolição temporaria de sua funcção.

Fiz duas vezes por semana, durante um mez, injeções hypodermicas de strychnina, na região mastoidéa direita e na esquerda, alternadamente, começando por um milligramma e elevando gradualmente a 0,0025 em cada injeção.¹

A audição foi se restabelecendo pouco a pouco muito sensivelmente. No fim de seis semanas de tratamento a doente o restabelecimento era quasi completo. Hoje a audição é perfeita pelo ouvido esquerdo e muito satisfactoria pelo direito.

PATHOLOGIA INTERTROPICAL

COLICA SECCA DOS PAIZES QUENTES

(Continuação da pagina 403)

Na sessão de 23 de Maio fez o Sr. Mialhe algumas interessantes considerações, não sobre a questão da colica secca, e de sua origem saturnina ou outra, mas sobre a pequena quantidade de chumbo que basta para produzir a colica dos pintores, comtanto que a introduccão na economia de qualquer preparado d'aquelle metal, embora em dóse minima, seja *continuada por muito tempo*. Entre mil exemplos d'esta verdade cita um referido por Duchêne (de Boulogne); era uma operaria com paralytia saturnina por occupar-se todo o dia a embrulhar pacotes de chá em laminas de chumbo, não tendo em contacto com este metal senão a palma das mãos e a polpa dos dedos.

A respeito da opinião contraria do Sr. Ruzf de Lavison, de não serem sufficientes a bordo dos navios as latas de conserva e os tubos

¹ A formula empregada foi a seguinte: sulphato de strychnin 6 centigrammos, agua distillada 10 grammos.

Dois decigrammas d'esta solução contém um milligramma de sulphato de strychnina.

de chumbo para produzir a colica saturnina, porque estando em uso em todas as cidades do mundo, haveria uma intoxicação geral, o Sr. Mialhe observa: 1º que na vida habitual não se faz uso das latas de conservas alimenticias, faltando, por consequencia a *continuidade d'acção toxica*; 2º que ainda no caso de existir esta continuidade não haveria tanto perigo como a bordo dos navios. E acrescenta que, conforme elle estabeleceu como principio, ha muito tempo, está o chumbo, da mesma sorte que o mercurio, a prata, a platina e o ouro na classe dos metaes, cujos chloruretos fazem a parte de acido em relação aos dos metaes que dão chloruretos basicos; do que resulta poderem tornar-se soluveis, e por consequencia desde logo absorvíveis, todos os compostos insoluveis de chumbo, e o proprio chumbo, ao contacto do ar, com o auxilio dos chloruretos alcalinos basicos, visto que os chloruretos duplos dos cinco referidos metaes, ao contrario dos seus chloruretos simples, que são coagulantes, não coagulam a albumina. Ora, é a presença constante dos chloruretos alcalinos basicos na atmosphera marinha, que se deve attribuir ser tão venenoso o chumbo a bordo dos navios. Conclue o Sr. Mialhe dizendo, que, sem fallar no uso do chumbo metallico na construcção dos encanamentos e reservatorios d'agua doce, que traz consigo o antidoto dos compostos saturninos, em virtude do deposito calcario com que forra *ordinariamente* os vasos que a encerram, convem restringir o mais possivel em terra, e muito mais ainda no mar, o uso do chumbo e dos seus compostos.

O Sr. *Le Roy de Méricourt* pede outra vez a palavra para responder succintamente ás objecções que na ultima sessão lhe foram feitas pelo Sr. Ruzf de Lavison, que julga dever conservar-se ainda no quadro nosologico uma entidade morbida especial com o nome de *colica secca dos paizes quentes*, e tambem para esclarecer alguns pontos da sua argumentação que a este ultimo orador pareceram obscuros. Mas antes d'isso pede licença ao Sr. Briquet para lhe apresentar algumas considerações a respeito do que elle disse na mesma sessão.

Diz que é certo contribuirem as denominações viciosas dadas ás molestias para perpetuar ideas falsas e discussões estereis. Está n'este caso o nome de *colica secca*, dado por habito ás manifestações incipientes da intoxicação saturnina chronica, o qual tem dado causa,

em grande parte, a prolongarem-se os debates e os equivoocos a que ellas teem dado origem. Mas a denominação de *myosalgia saturnina*, proposta pelo Sr. Briquet para o substituir não apressaria a reconciliação entre identistas e não identistas. Os partidarios da etiologia saturnina chamariam *myosalgia saturnina* o que agora chamam colica de chumbo; os que admittem uma molestia semelhante, que attribuem a causas peculiares aos paizes quentes, chamar-lhe-hiam *myosalgia endemica dos paizes quentes*, e a questão ficaria no mesmo pé.

« É mais apparente que real, em nosso pensar, o rigor da expressão *myosalgia*, se é que ella não assenta mesmo em um erro d'interpretação. »

« Pretende o Sr. Briquet que *ao modo das dôres hysterics*, a dôr affecta os musculos das paredes abdominaes na colica de chumbo. Apezar de todo o respeito que consagro ao nosso honrado collega e aos seus trabalhos, não posso, em face dos phenomenos observados nos infelizes que se extorcem no meio das horriveis torturas da colica saturnina, admittir com elle que as dores sejam limitadas aos musculos das paredes; ellas procedem egualmente dos intestinos e dos musculos. A intoxicação saturnina é um envenenamento lento que affecta gradualmente o systema nervoso da vida organica, e occasiona uma alteração muito manifesta do sangue, como facilmente se pode mostrar pelo novo methodo da contagem dos globulos. Não só baixa em grande proporção o numero d'lles, mas, o que é singular, o Sr. Malassez demonstrou que o diametro dos globulos vermelhos augmenta. Este accrescimento de volume não bastaria para compensar a redução do numero. Já antes de surgir a crise designada pelo nome da colica, existe um conjuncto de signaes de estar mais ou menos seriamente affectada a economia inteira; já antes que a dôr das paredes abdominaes, a que o Sr. Briquet, em nosso conceito, dá um character de preponderancia exagerado, force o doente a interromper as suas occupações, ou os seus trabalhos, existe a constipação; não se pode attribuir a impossibilidade de executar o minimo esforço de expulsão ás dores agudas da parede abdominal. »

« Os planos musculares do intestino estão tambem n'um estado espasmodico violento; foram notadas a *retracção do anus*, as *fortes*

contrações do recto, e a existencia de tumores moveis no abdomen, causadas por accumulô de gazes. Certamente não é a colica saturnina unicamente uma affecção do tubo digestivo, mas tambem não é unicamente constituída por uma perturbação da sensibilidade e do movimento dos planos musculares e das parédes abdominaes. »

O orador procura mostrar ao Sr. Briquet que nem a faradisação nem as injeções hypodérmicas podem servir de criterio no diagnostico entre a colica saturnina, e outras colicas acompanhadas de constipação que os não identistas englobam sob o nome de *colica endémica dos paizes quentes*; que tambem as dores musculares hystericas, ou de origem rheumatismal cedem á faradisação e á morphina; e admitindo com o Sr. Briquet que a dor da colica de chumbo não exista senão nas paredes, como poderia elle provar que na enteralgia rheumatismal, na colica espasmodica, têm as dores differente séde, e resistem áquelles meios therapeuticos? Seria vã similhante distincção, porquanto em 1862 o Sr. Castano, medico chefe do corpo expedicionario na China, em uma nota communicada á Academia de Medicina, definia assim as colicas seccas dos paizes quentes: «... *contrações espasmodicas dos musculos abdominaes e das fibras musculares dos intestinos.* »

De modo que o Sr. Castano dava justamente como caracter differencial das colicas não saturninas, o caracter que o Sr. Briquet pretende dar como pathognomônico á colica saturnina!

Pelo que, em contrario ao que pensa o Sr. Briquet, o orador julga que tanto a faradisação como a injeção de morphina aproveitarão tanto melhor, e de modo mais duravel quanto a dor não passe da expressão de um estado espasmodico momentaneo, e não resulte da introduccção na economia de um principio toxico tal como é o chumbo. Não é, portanto, n'este modo de tratamento que se poderá basear o diagnostico.

Passando a responder ás objecções do Sr. Ruz de Lavison, lamenta que este collega não tenha presentes na memoria dous trabalhos importantissimos na diseussão pendente: o do Sr. Lefèvre, *Nouveaux documents concernant l'étiologie de la colique sèche des pays chauds*, publicado em 1864, e o do Sr. Villette, *De l'identité de la colique de plomb et de la colique sèche d'après les documents et des observations recueillis au Sénégal*, nos *Archives de Méd. Na-*

vale, 1866. A respeito deste ultimo trabalho, escripto por um dos seus predecessores no Senegal, eis aqui o que escreveu o Sr. Bérenger-Féraud: «Tendo lido as suas conclusões e verificado os seus assertos nos registros clinicos do hospital de S. Luiz, cheguei a pensar que não pode absolutamente haver a minima duvida sobre a etiologia saturnina de numerosos casos observados, quer no Senegal, quer em outras partes pelos medicos que forneceram estas observações como casos de colica verdadeiramente nervosa ou vegetal. Sempre que eu vir uma d'essas observações que se chamam *completas* isto é, um d'esses casos em que ha colica, depois enfraquecimento muscular, paralyisia, e até encephalopathia, direi *a priori*, e creio que sempre: ahi esta um envenenamento saturnino.»

Dá grande valor esta declaração ao trabalho de L. Villeté, e este chega a concluir que em terra, no Senegal, nunca houve relação alguma entre a colica secca e as endemias d'este paiz, e que as causas saturninas que lá se encontram explicam melhor a existencia d'esta molestia do que as influencias dysentericas ou morbificas invocadas.

Quanto á objecção do Sr. Ruz de não ter o orador considerado só a etiologia da colica secca a bordo dos navios, e deixado á margem a da colica endemica observada no littoral e no interior dos paizes, responde elle que não podia ter a pretensão de reproduzir perante a Academia todas as particularidades, todos os argumentos inexoraveis, todos os factos reunidos tão habilmente pelo Sr. Lefèvre, e com os quaes elle conseguiu levar a convicção aos seus mais ardentes adversarios, e até, com raras excepções, a todos os medicos da marinha franceza. Mostrou a consideravel e constante diminuição dos casos da inculcada nevrose endemica dos paizes quentes tanto a bordo, como em terra nas guarnições coloniaes, depois de conhecida a influencia dos compostos saturninos, e que foram a este respeito adoptadas precauções hygienicas; e para isso não tem melhor meio do que apresentar o numero das licenças de convalescença passadas nos tres grandes portos militares da França nos quatro ultimos annos. Diminutos como são no que se refere á colica secca, estes numeros tem grande valor demonstrativo, e provam a raridade dos casos d'esta molestia que se reputava endemica em certas localidades; elles comprehendem não somente a homens embarcados, mas tambem soldados de diversos corpos da marinha, não a bordo, mas de guarnição em

terra, quer nos quartéis, quer nos postos do interior. Recorda a estatística do Dr. Villette, que se refere a observações feitas no interior do Senegal, e que por isso não teve só em mira as molestias observadas a bordo, mas também no interior do paiz: e pondera que quando mencionou o caso unico de colica observado o anno passado no Gabon em 282 doentes, referia-se a gente que habitava em terra; mas que, para satisfazer o Sr. Ruz de Lavison no que respeita á supposta nevrose endemica observada em terra, conta que ao tempo da primeira expedição á Cochinchina (1860), paiz mais do que qualquer outro apto a dar origem a esta molestia, registraram-se 79 casos de colica tratados a bordo, e 53 na ambulancia de Saigon; d'estes ultimos só tres provinham do serviço de terra. O Dr. Linquette, n'esse tempo medico do exercito, refere que em 7:589 homens houve 697 obitos em um anno, sendo 2 de colica secca. Já n'esse tempo dizia este facultativo, que praticava em terra: « Não são raros os casos de colica secca: vi alguns no hospital de Saigon, e estou convencido, tal é a identidade nos symptomas e na marcha, *que esta affecção não pode ser occasionada senão por intoxicação saturnina.* »

O orador cita ainda o trecho seguinte de uma carta do Dr. Castano dirigida ao Sr. M. L. Levy, e communicada á Academia: « Está perfeitamente com a verdade o Sr. Lefèvre quando descreve as colicas que observou, e que não são outra cousa senão os efeitos da intoxicação saturnina provocada a bordo dos navios. *As esquadras inglezas não tiveram um só caso d'esses, porque em vez de utensilios de chumbo, teem-n'os de ferro e de cobre.* Estou pelas idéas de Dutrouleau (que em 1868 adoptou as de Lefèvre) desde que vi os raros casos que se apresentaram á nossa observação na Cochinchina » Depois d'isto dá a definição que já fica mencionada.

Note-se o facto de não terem os inglezes um só caso. Se houvesse um miasma especial de nada serviriam contra elle as precauções adoptadas contra o chumbo.

Assim, dous medicos militares da expedição, apesar das pessimas condições em que se achavam os soldados *em terra*, declararam rara a *colica endemica dos paizes quentes* na Cochinchina.

O Sr. Le Roy de Méricourt cita ainda um importante documento fornecido pelo Dr. Benoit de la Grandière que fez parte d'esta expedição. Teve a bordo do *Saône* 8 pessoas da equipagem com

colica secca; o dispenseiro, o enfermeiro e 6 machinistas, que todos tiveram recabidas, e verificou a origem saturnina d'estes accidentes. Em maio de 1861 o mesmo navio recebeu, para repatriar, 239 marinheiros e 206 militares; os doentes de colica secca foram 23, *todos da marinha*, provenientes de navios a vapor. D'estes eram 7 enfermeiros, 4 agentes de viveres, 1 cosinheiro, 8 marinheiros e 2 machinistas. As indagações a que procedeu o mesmo facultativo levaram-n'o ainda a verificar a origem saturnina da supposta colica secca. Os enfermeiros militares e os doentes da ambulancia do exercito foram poupados.

Casos identicos referem os Drs. Leconiet e Cras, que reconheceram a acção do chumbo como causa em casos identicos occorridos a bordo dos seus navios *Rhône* e *Forbin*.

Recorda tambem que de 16:236 licenças de convalescença apresentadas ao conselho de Toulon, em quatro annos, registraram-se apenas 48 casos de colicas, e d'estes só 16 eram de homens das tropas da marinha; ora, é a Toulon que apportam todas os convalescentes que procedem da Cochinchina, cuja guarnição é muito forte. Lembra, tambem, já que trata do Oriente, que a pretensa nevrose endemica dos paizes quentes não figura no *Tratado clinico das molestias da India* de Morehead; e o Sr. Van Leent, medico da marinha hollandeza em Batavia, na pathologia geographica das colonias hollandezas das Indas Orientaes (*Arch. de Med. Navale*) não falla na colica em qualidade de molestia endemica.

Passando á America vê-se: « que durante a expedição do Mexico os navios transportes a serviço dos corpos do exercito, e nos quaes se adoptaram as medidas hygienicas ordenadas pelo ministro, nenhum caso appareceu d'esta endemia. Nas tropas de terra, tanto nas regiões quentes como nas frias, « não me consta, diz o Sr. Lefèvre, que os medicos militares e os da marinha tenham observado colica durante a campanha, com as feições que lhe attribuem os defensores de sua individualidade morbida. »

E, entretanto poucos paizes existem onde estejam reunidas em mais alto grau todas as condições climatericas appropriadas a dar causa á colica espasmodica; os documentos sobre a pathologia do Mexico, e com particularidade os escriptos do Sr. Jourdanet, não

tratam da colica endemica, o que não quer dizer que não sejamahi frequentissimos os casos de enteralgia e de gastralgia.

Fallando da Guyana diz o orador que foi sobre observações feitas n'esta colonia que Segond escreveu a sua monographia sobre a *Neuralgia do grande sympathico*, e que Chapuis escreveu em 1860 o artigo sobre a colica secca na *Gazette Hebdomadaire*, no qual sustenta não ser de origem saturnina esta molestia, e que o Sr. Laure baseou a sua opinião de que ella tem como causa um miasma vegetal e palustre. As ideas e as interpretações d'estes dous ultimos facultativos chefes foram refutadas pelo Sr. Lefèvre em 1864. Não está ainda de posse dos ultimos relatorios officiaes d'esta colonia, mas no de 1871 encontra a seguinte observação do chefe do serviço sanitario de Cayenna: « A colica secca tende a tornar-se cada dia mais rara, e não appresenta os symptomas que offerecia ha alguns annos ».

Finalmente, pede permissão para ler um trecho de um trabalho do proprio Sr. Rufz de Lavison (*Chronologie des maladies de la ville de Saint Pierre—Martinique—1837, 1856*) no qual está escripto que pode considerar-se rara n'aquella colonia a colica secca, *não a tendo elle observado senão em marinheiros de navios mercantes, quando muito dous ou tres casos por anno, e lembrando-se apenas de tres ou quatro casos incontestaveis occorridos em pessoas naturaes do paiz.*

O Sr. Rufz de Lavison accrescenta que está longe de negar a parte consideravel attribuida n'estes ultimos tempos é acção do chumbo na producção das colicas seccas observadas a bordo; mas que nos casos que viu em terra, nos naturaes, não lhe é possivel filiar a causa a alguma influencia saturnina.

« De modo que, prosegue o Sr. Le Roy de Mericourt, durante vinte annos de activa pratica nas colonias, não se recorda o Sr. Rufz de Lavison de ter observado mais de *tres casos de neurose endemica dos paizes quentes* em outras pessoas que não marinheiros embarcados. E' para estes tres casos, sem duvida, que o eminente medico de S. Pedro affirma—não ser possivel filiar a causa a alguma influencia saturnina. Permitta-me elle observar-lhe que por esse tempo, acceitando a parte da acção dos compostos de chumbo, acceitando tambem mui extensamente a parte do clima e dos miasmas, cegava-nos esta ultima doutrina; e, como nos aconteceu, a Fonsagrives, a mim e a muitos outros, não nos consentia ver o chumbo que nos rodeava. Os tubos

conductores d'agua dosapparelhos de distillação dos navios onde estavam embarcados eram de chumbo, e nós não o sabiamos: foi mais tarde que nol-o provou o Sr. Lefèvre, quando se desarmaram aquelles navios. •

(Continúa.)

CORRESPONDENCIA SCIENTIFICA

RIO DE JANEIRO, 3 DE OUTUBRO DE 1876.

Honrados collegas redactores da *Gazeta Medica da Bahia*.— Sendo para mim motivo de extremo desvanecimento o convite com que foi honrado por um de vós, para transmittir-vos os successos de importancia que se refiram á sciencia e á profissão medicas nesta capital, não poderia eximir-me a tão elevado encargo sem quebra dos votos com que empenhei todo o meu zelo e contingentes recursos em vantagem do progresso medico scientifico em nosso paiz. Considerando ainda mais a imprensa o primeiro instrumento capaz de abrir sulcos nesse terreno fertil, mas ainda tão pouco por nós lavrado, seria faltar ás minhas crenças furtar-me agora á tarefa que me cabe ao lado de tão laboriosos companheiros, cujo exemplo seria bastante para incitar-me a imital-os.

Eis-me aqui, pois, accudindo pressuroso ao vosso generoso apello, apesar dos justos receios de ficar muito áquem da vossa expectativa, e da exigencia de vossos leitores.

O movimento scientifico gira ainda, entre nós, em um circulo assaz estreito, e por tal não pode ser mui lata a missão que ora enceto: circumscrever-me-hei, todavia, aos limites do programma que me impuz, não indo alem do que toca de perto aos interesses profissionais e aos successos medico-scientificos.

Nos paizes, cuja perfectibilidade visamos, naquelles pelos quaes talhamos a norma de nossa actividade, não deixa de existir um centro, um nucleo, de onde se irradia a luz, onde se promulgam as leis que são acceitas e seguidas pelos obreiros que trabalham no templo de Hippocrates.